



AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

LISA KLEYPAS

Segredos de uma noite de

VERÃO



PRÓLOGO

Londres, 1841

Embora Annabelle Peyton tivesse sido avisada a vida inteira de que nunca recebesse dinheiro de estranhos, um dia ela abriu uma exceção... E logo descobriu por que deveria ter ouvido o conselho da mãe.

Era um dos raros feriados da escola de seu irmão, Jeremy, e, como de costume, ele e Annabelle saíram para assistir ao mais recente espetáculo de panoramas em Leicester Square. Foram duas semanas fazendo economia a fim de juntar o dinheiro necessário para a compra dos ingressos. Sendo os únicos filhos da família Peyton que vingaram, Annabelle e o irmão mais novo sempre haviam sido próximos, apesar dos dez anos de diferença entre eles. Doenças infantis tinham levado as duas crianças nascidas depois de Annabelle, e nenhuma delas vivera o bastante para ver o primeiro aniversário.

– Annabelle – disse Jeremy, enquanto voltava do guichê da casa de espetáculos –, você tem mais algum dinheiro?

Ela balançou a cabeça e o olhou intrigada.

– Receio que não. Por quê?

Com um leve suspiro, Jeremy ajeitou os cabelos cor de mel que lhe caíam sobre a testa.

– Eles dobraram o preço para esse show... Aparentemente é muito mais caro que os outros.

– O anúncio no jornal não dizia nada sobre um aumento nos preços – observou Annabelle, indignada. – Que inferno! – murmurou a moça, baixando o tom de voz enquanto abria a bolsa na esperança de encontrar uma moeda perdida.

Jeremy, do alto dos seus 12 anos, lançou um olhar desconfiado para o enorme cartaz pendurado sobre as colunas na entrada do teatro de panoramas – A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO: UM SHOW DE ILUSÃO MÁXIMA COM EFEITOS DIORÂMICOS. Desde a abertura, quinze dias antes, o show vinha ficando abarrotado de visitantes impacientes para vivenciar as

maravilhas do Império Romano e de sua queda trágica. “É como voltar no tempo”, comentavam eles depois. O tipo comum de panorama consistia em uma lona pendurada numa sala circular, envolvendo os espectadores em um cenário pintado de forma elaborada. Às vezes, música e iluminação especial eram usadas para que a exibição ficasse ainda mais divertida, enquanto um narrador se movia em torno do círculo para descrever lugares distantes ou batalhas famosas.

Entretanto, de acordo com o *The Times*, esta nova produção era um espetáculo “diorâmico”, o que significava que as telas dos quadros eram feitas de um tecido transparente e oleoso, iluminadas pela frente e, às vezes, por trás com filtros de luzes especiais. Trezentos e cinquenta espectadores ficavam no centro de um carrossel, operado por dois homens, de modo que o público todo girava lentamente durante o show. A interação da luz com o vidro prateado, em conjunto com os filtros e atores contratados para desempenhar o papel de romanos sitiados, criava um efeito que havia sido rotulado como uma “animada exibição”. Pelo que Annabelle lera, os momentos finais mais marcantes, simulando vulcões em erupção, eram tão realistas que algumas mulheres na plateia tinham gritado e desmaiado.

Tomando a bolsa das mãos agitadas da irmã, Jeremy puxou o fecho e a entregou de volta para ela.

– Temos dinheiro suficiente para um ingresso – avisou ele, calmamente.
– Vá você assistir. Eu não queria mesmo ver esse show.

Sabendo que ele mentia para agradá-la, Annabelle fez que não com a cabeça.

– De jeito nenhum. Vá *você*. Eu posso ver o show a qualquer hora: você é que está sempre na escola. E só dura quinze minutos. Vou a uma das lojas aqui por perto enquanto estiver lá dentro.

– Vai às compras sem dinheiro? – perguntou Jeremy, exibindo uma expressão sinceramente cética nos olhos azuis. – Ah, como isso parece divertido...

– Meu objetivo é olhar, não comprar.

Jeremy bufou.

– É o que os pobres dizem para se consolar quando estão andando pela Bond Street. Além disso, não vou deixar você ir sozinha a lugar nenhum, porque todos os homens das redondezas vão ficar de olho em você.

– Não seja bobo – murmurou Annabelle.

O menino sorriu de repente. Seu olhar examinou o rosto fino da irmã, os olhos azuis e os cabelos presos em cachos de um castanho dourado que reluzia sob a aba do chapéu.

– Não me venha com falsa modéstia. Você tem plena consciência do efeito que causa nos homens e, que eu saiba, não hesita em fazer uso disso.

Annabelle reagiu à provocação com uma careta.

– Que você saiba? Rá! Como sabe das minhas interações com os homens se está na escola a maior parte do tempo?

Jeremy ficou sério.

– Isso vai mudar – assegurou ele. – Não vou voltar para a escola desta vez. Posso ajudar você e mamãe muito mais se eu conseguir um emprego.

Annabelle arregalou os olhos.

– Jeremy, não faça isso! Partiria o coração da mamãe, e se papai estivesse vivo...

– Annabelle – interrompeu ele, em voz baixa –, não temos dinheiro. Não conseguimos sequer arranjar cinco xelins a mais para um ingresso do show de panoramas.

– E imagino o bom emprego que você arrumaria – comentou Annabelle com sarcasmo – sem estudos e nenhuma indicação. A não ser que esteja querendo varrer rua ou trabalhar entregando recados, é melhor ficar na escola até que esteja apto para um trabalho decente. Enquanto isso, vou encontrar um cavalheiro rico com quem possa me casar e então tudo ficará bem.

– Posso imaginar o bom marido que você vai encontrar sem um dote – retrucou Jeremy.

Os irmãos se encararam franzindo a testa por um tempinho, então as portas se abriram e a multidão passou por eles a caminho do espetáculo. Abraçando Annabelle, Jeremy a afastou da confusão.

– Esqueça o panorama – disse ele, sem rodeios. – Vamos fazer outra coisa... Algo divertido que não custe nada.

– Como o quê?

Um momento de reflexão se passou. Quando se tornou evidente que nenhum dos dois conseguiria dar uma sugestão sequer, ambos caíram na gargalhada.

– Sr. Jeremy – chamou uma voz grave atrás deles.

Ainda sorrindo, Jeremy virou-se para o estranho.

– Sr. Hunt! – exclamou ele cordialmente, estendendo a mão. – Estou surpreso que ainda se lembre de mim.

– Eu também... Você cresceu e está muito mais alto desde a última vez que o vi. – O homem apertou a mão dele. – Está de férias da escola, não?

– Sim, senhor.

Vendo a expressão confusa de Annabelle, Jeremy murmurou em seu ouvido, enquanto o estranho alto gesticulava para os amigos entrarem sem ele.

– Sr. Hunt... O filho do açougueiro – sussurrou Jeremy. – Eu o encontrei uma ou duas vezes na loja, quando mamãe mandou que eu buscasse uma encomenda. Seja gentil... Ele é uma boa pessoa.

Estupefata, Annabelle não pôde deixar de pensar que o Sr. Hunt estava inesperadamente bem-vestido para um filho de açougueiro. Usava um paletó preto elegante e um novo estilo de calças mais soltas que, de alguma forma, não disfarçavam as linhas esbeltas e musculosas do corpo dele. Como quase todos os homens que entravam no teatro, ele já havia tirado o chapéu, revelando os cabelos escuros, ligeiramente ondulados. Era alto, de ossatura larga, e parecia ter cerca de trinta anos; possuía características fortes: nariz comprido e afilado, boca grande e olhos tão escuros que não se podia distinguir a íris da pupila. Tinha um rosto másculo, com uma expressão sarcástica nos olhos e um ar de petulância. Estava claro, até mesmo para uma pessoa sem discernimento, que este homem raramente ficava desocupado; seu corpo e sua essência haviam sido definidos pelo trabalho árduo e pela ambição aguçada.

– Esta é minha irmã, a Srta. Annabelle Peyton – apresentou Jeremy. – Este é o Sr. Simon Hunt.

– É um prazer conhecê-la – murmurou Hunt, curvando-se.

Embora os modos dele fossem um tanto refinados, o brilho do seu olhar causou uma vibração estranha logo abaixo das costelas de Annabelle. Sem saber por que, ela se encolheu embaixo do braço do irmão, enquanto o saudava com a cabeça. Para desconforto de Annabelle, ela não conseguia desviar o seu olhar do dele. Parecia que uma sensação sutil de reconhecimento ocorrera entre os dois – não como se tivessem se encontrado antes, mas como se tivessem chegado perto um do outro várias vezes até que por fim um destino impaciente forçara seus caminhos a se cruzarem. Uma fantasia estranha, que ela no entanto não conseguia

tirar da cabeça. Incomodada, permaneceu uma impotente prisioneira do olhar decidido dele, até que suas bochechas ganharam uma coloração intensa e indesejada.

Hunt dirigiu-se a Jeremy, embora continuasse olhando para ela.

– Posso acompanhá-los à rotunda?

Um momento de silêncio constrangedor se seguiu antes de Jeremy responder com uma indiferença estudada:

– Obrigado, mas decidimos que não vamos mais assistir.

Hunt arqueou uma das sobrancelhas escuras.

– Tem certeza? Parece ser muito bom. – Seus olhos deixaram de fitar o rosto de Annabelle e se voltaram para Jeremy, captando o desconforto do garoto. A voz de Hunt se abrandou quando voltou a falar com o menino. – Sem dúvida, há uma regra de que nunca se deve discutir esses assuntos na frente de uma dama. No entanto, não posso deixar de pensar... É possível, jovem Jeremy, que tenham sido surpreendidos com o aumento nos preços? Se assim for, ficaria feliz em ajudá-los com as moedas que faltam.

– Não, obrigada – respondeu Annabelle depressa, dando uma leve cotovelada em Jeremy.

Estremecendo, o irmão olhou para o rosto impenetrável do sujeito.

– Agradeço a oferta, Sr. Hunt, mas minha irmã não está disposta...

– Não quero ver o show – interrompeu ela, com frieza. – Ouvi dizer que alguns dos efeitos são bastante violentos e angustiantes para as mulheres. Prefiro um passeio tranquilo no parque.

Hunt a fitou, os olhos profundos contendo um brilho de zombaria.

– É mesmo tão tímida assim, Srta. Peyton?

Irritada com a provocação sutil, Annabelle pegou o irmão pelo braço e o puxou insistentemente.

– É hora de irmos, Jeremy. Não atrasemos o Sr. Hunt por mais tempo, tenho certeza de que ele quer assistir ao show...

– Receio que já esteja arruinado para mim – garantiu-lhes Hunt gravemente – se não assistirem também. – E deu a Jeremy um olhar encorajador. – Não me perdoaria se, por uns meros trocados, privasse você e sua irmã de um entretenimento vespertino.

Sentindo que o irmão cedia, Annabelle sussurrou de modo brusco no ouvido dele:

– Não se atreva a deixá-lo pagar pelos nossos ingressos, Jeremy!

Ignorando-a, Jeremy respondeu com calma para Hunt:

– Senhor, se eu aceitasse a sua oferta de empréstimo, não estou certo de quando poderia reembolsá-lo.

Annabelle fechou os olhos e soltou um leve gemido de orgulho ferido. Ela se esforçava ao máximo para evitar que alguém soubesse das dificuldades deles... E o fato de este homem saber que cada moeda lhes fazia falta era mais do que ela podia suportar.

– Não há pressa. – Ela o ouviu dizer com tranquilidade. – Vá à loja do meu pai no próximo recesso da escola e deixe o dinheiro com ele.

– Tudo bem, então – respondeu Jeremy com uma satisfação evidente e eles apertaram as mãos para selar o negócio. – Obrigado, Sr. Hunt.

– Jeremy... – principiou Annabelle, em tom suave mas enfurecido.

– Esperem aqui – orientou Hunt olhando para trás, já se encaminhando para a bilheteria.

– Jeremy, você sabe que não se deve pegar dinheiro emprestado com ele? – indagou Annabelle fitando o rosto satisfeito do irmão. – Ah, como você pôde? Não é apropriado... E a ideia de ter uma dívida com esse tipo de homem é intolerável!

– Que tipo de homem? – quis saber o irmão, inocente. – Eu já disse que ele é boa... Ah, suponho que queira dizer que ele é de uma classe mais baixa. – Um sorriso triste tomou os lábios de Jeremy. – Mas acho que isso não se aplica ao Sr. Hunt, porque ele é podre de rico. E a verdade é que nós dois não somos exatamente parte da nobreza. Estamos apenas nos galhos mais baixos da árvore, o que significa que...

– Como pode o filho de um açougueiro ser podre de rico? – perguntou Annabelle. – A menos que a população de Londres esteja consumindo muito mais carne e bacon do que estou ciente, não consigo encontrar outro meio para um açougueiro acumular tanta renda.

– Eu não disse que ele trabalhava na loja do pai – retrucou Jeremy com um tom superior. – Só disse que o *conheci* lá. Ele é empresário.

– Quer dizer um especulador financeiro? – Annabelle franziu a testa. Em uma sociedade que considerava vulgar falar ou pensar sobre as preocupações financeiras, não havia nada mais rude do que um homem que fizera carreira com investimentos.

– Um pouco mais do que isso – prosseguiu o irmão. – Mas acho que não importa o que ele faz, ou quanto ele tem, já que é de origem humilde.

Ao ouvir a crítica na voz do irmão mais novo, Annabelle olhou para ele semicerrando os olhos.

– Você está sendo muito democrático, Jeremy – rebateu ela secamente.

– E não precisa continuar como se eu estivesse sendo esnobe... Eu me oporia da mesma maneira se um duque tentasse nos emprestar o dinheiro do ingresso, assim como faria com um homem de negócios.

– Mas não tanto assim – disse ele, e riu da expressão dela.

O retorno de Simon Hunt interrompeu qualquer discussão. Examinando-os com os atentos olhos cor de café, ele deu um breve sorriso.

– Está tudo certo. Vamos entrar agora?

Annabelle avançou bruscamente em resposta ao estímulo discreto do irmão.

– Por favor, não se sinta obrigado a nos fazer companhia, Sr. Hunt – comentou ela, sabendo que estava sendo indelicada. Porém havia algo nele que mexia com os seus nervos. Ele não a conquistara por ser um homem de confiança; na verdade, apesar de toda aquela roupa elegante e a aparência polida, não parecia muito civilizado. Era o tipo de homem com quem uma mulher bem-educada nunca iria querer ficar sozinha. E a percepção dela sobre ele nada tinha a ver com posição social: era uma sensação inata relativa a um físico robusto e temperamento masculino que eram completamente estranhos para ela. – Tenho certeza que vai querer se juntar aos seus companheiros.

A esse comentário, Hunt deu de ombros preguiçosamente.

– Nesta multidão, nunca os encontraria.

Annabelle poderia ter argumentado observando que, sendo um dos homens mais altos da plateia, era muito provável que pudesse localizar os amigos sem dificuldade. No entanto, era óbvio que esse embate seria inútil. Ela teria que assistir ao show com Simon Hunt ao seu lado – não havia escolha. Mas ao ver a empolgação de Jeremy, alguns de seus ressentimentos e desconfianças desapareceram, e a voz adquiriu um tom mais suave quando voltou a falar com Hunt.

– Perdoe-me. Não quis parecer indelicada. É que não gosto de ter dívidas com estranhos.

Hunt lançou-lhe um breve olhar perspicaz e desconcertante.

– Um sentimento que posso compreender com facilidade – assentiu ele, guiando-a em meio à multidão. – No entanto, não existe dívida neste caso.

E não somos estranhos de fato... Sua família tem frequentado os negócios da minha há anos.

Eles entraram no grande teatro circular e subiram em um enorme carrossel cercado por uma grade e portões de ferro fundido. A imagem meticulosamente trabalhada de uma paisagem romana antiga os rodeava, com um vão de quase onze metros separando a borda do carrossel da pintura. O vão foi preenchido com um maquinário complexo que atraía comentários animados da multidão. Depois que todos os espectadores haviam subido no carrossel, a sala escureceu de repente, provocando suspiros de animação e expectativa. Com um suave zumbido das máquinas e um brilho azul vindo da parte de trás da tela, a paisagem adquiriu uma dimensão e um realismo que assustou Annabelle. Ela quase podia jurar que estavam de pé em Roma ao meio-dia. Alguns atores vestidos com toga e sandálias apareceram, enquanto um narrador começou a relatar a história da Roma antiga.

O espetáculo diorâmico foi ainda mais apaixonante do que Annabelle esperava. No entanto, ela não se permitiu envolver-se por completo pelo show, pois estava muito ciente da presença do homem em pé ao seu lado. Não ajudou muito o fato de ele, vez ou outra, se inclinar para murmurar em seu ouvido algum comentário inapropriado, reprovando-a com deboche por mostrar tão pouco interesse nos cavalheiros vestidos com aquelas roupas que mais pareciam fronhas. Por mais que Annabelle tentasse conter o entusiasmo, algumas risadinhas relutantes escaparam, recebendo olhares de desaprovação das pessoas ao redor deles. E então, naturalmente, ele a repreendeu por rir durante uma peça tão importante, o que a fez querer rir ainda mais. Jeremy parecia concentrado demais no espetáculo para notar as tolices de Hunt, esticando o pescoço o máximo que podia para divisar as máquinas que produziam aqueles efeitos maravilhosos.

Hunt se acalmou, no entanto, quando um puxão inesperado na rotação do carrossel fez com que a plataforma sacudisse um pouco. Alguns espectadores se desequilibraram, mas foram acudidos de imediato pelas pessoas em volta. Surpreendida pela pausa abrupta da rotação, Annabelle se desequilibrou e, quando deu por si, encontrava-se com o corpo apoiado no peito de Hunt, que logo a segurou. Ele a soltou no instante em que ela recuperou o equilíbrio, baixando a cabeça para perguntar em um sussurro se ela estava bem.

– Ah, sim – respondeu Annabelle sem fôlego. – Perdão. Sim, estou perfeitamente...

Ela parecia não conseguir terminar a frase; a voz diminuiu até Annabelle ser inundada por esta estranha sensação. Nunca na vida tivera uma reação como aquela ao ficar na presença de um homem. O que essa sensação instantânea de urgência lhe causava, ou a forma de satisfazê-la, estava muito além do alcance de seu conhecimento limitado. Tudo o que ela sabia era que, por um momento, havia desejado desesperadamente continuar inclinando-se de encontro a ele, a um corpo tão firme e definido quanto totalmente invulnerável, que fornecia um porto seguro enquanto o chão se movia sob seus pés. O cheiro dele; a pele limpa, máscula, o couro polido e o linho engomado despertaram todos os sentidos de Annabelle. Ele era o oposto dos aristocratas besuntados, recendendo a água-de-colônia, que ela havia tentado seduzir durante as duas últimas temporadas.

Profundamente abalada, ela olhava para a tela em frente, mas não se interessava pelas luzes projetadas que imitavam o anoitecer... O crepúsculo do Império Romano. Hunt também mostrava certo desinteresse pelo espetáculo, com a cabeça inclinada para ela, o olhar fixo em seu rosto. Embora a respiração dele permanecesse suave e disciplinada, pareceu a ela que o ritmo estava um pouco mais acelerado.

Annabelle umedeceu os lábios.

– Você... Você não deveria me olhar desse jeito.

Cortesmente, ele sussurrou em resposta:

– Com você aqui, não consigo olhar para mais nada.

Ela não se moveu nem disse palavra alguma, fingindo não ter ouvido aquele suave sussurro diabólico enquanto o coração batia descompassado e os dedos dos pés se contraíam dentro dos sapatos. Como isso podia estar acontecendo em um teatro cheio de gente, com o irmão logo ali ao lado dela? Annabelle fechou os olhos por um instante, tomada por uma sensação de rodópio que nada tinha a ver com o movimento do carrossel.

– Veja! – exclamou Jeremy, empurrando-a com entusiasmo. – Estão prestes a mostrar os vulcões.

De repente, o teatro foi tomado por uma escuridão ofuscante e um estrondo sinistro rugiu por baixo da plataforma. Houve vários gritos, uma dispersão de risos e também suspiros cheios de expectativa. O corpo de Annabelle se enrijeceu quando ela sentiu uma mão tocando suas costas.

A mão *dele*, deslizando lenta e propositalmente por sua coluna – o cheiro de Hunt, doce e sedutor em suas narinas –, e antes que ela pudesse emitir qualquer som, os lábios dele, possuindo os de Annabelle em um beijo suave, quente e arrebatador. Estava atordoada demais para se mexer, as mãos no ar como borboletas suspensas em pleno voo, o corpo cambaleante mantendo-se de pé graças à firmeza delicada de uma das mãos dele em sua cintura, enquanto a outra a segurava pela nuca.

Annabelle tinha sido beijada antes apenas por jovens impetuosos que haviam roubado um abraço rápido durante uma caminhada no jardim ou em um canto da sala, quando não estavam sendo observados. Mas nenhum desses breves encontros fora assim. Aquele era um beijo tão lento e vertiginoso que a levava ao delírio. Rapidamente, várias sensações tomaram seu corpo, fortes demais para que pudesse controlar, e ela tremeu impotente nos braços de Hunt. Guiada pelo instinto, entregou-se cegamente à carícia gentil e inquietante dos lábios dele. A pressão daquela boca aumentava à medida que ele desejava mais, satisfazendo a reação incontrolável de Annabelle com um explorar voluptuoso que a deixou em chamas.

Assim que ela começou a perder toda a moderação, a boca de Hunt se desprende com uma rapidez surpreendente, deixando-a atordoada. Mantendo a mão na nuca macia de Annabelle, ele baixou a cabeça até que um murmurar de arrependimento fez cócegas no ouvido dela.

– Desculpe. Não pude resistir. – O toque de sua mão desapareceu, e quando a luz vermelha finalmente invadiu o teatro, ele tinha ido embora.

– Veja isso! – disse Jeremy, empolgado, apontando com alegria para um vulcão de mentira diante deles, do qual parecia brotar lava fundida que escorria pelas bordas. – Incrível! – Percebendo que Hunt já não estava mais lá, o menino franziu a testa, intrigado. – Aonde o Sr. Hunt foi? Acho que ele deve ter encontrado os amigos. – Dando de ombros, Jeremy voltou a observar animadamente os vulcões, juntando-se às exclamações do público boquiaberto.

De olhos arregalados e completamente sem fala, Annabelle se perguntava se o que acabara de acontecer havia de fato ocorrido. Com certeza não tinha sido beijada no meio de um teatro por um estranho. E beijada *daquela* forma...

Bem, era nisso que dava permitir que cavalheiros desconhecidos passassem pelas coisas: dava-lhes a oportunidade de tirar algum proveito da

situação. Mas sobre o próprio comportamento... Envergonhada e confusa, Annabelle se esforçou para entender por que permitira que o Sr. Hunt a beijasse. Deveria ter protestado e o impedido, empurrando-o. Em vez disso, ficara lá em transe enquanto ele... Ah, o pensamento a fez estremecer. Não importava como ou por que Simon Hunt havia conseguido quebrar todas as defesas bem-construídas de Annabelle. O fato era, ele conseguira fazê-lo... E, portanto, era um homem a ser evitado a qualquer custo.

CAPÍTULO 1

Londres, 1843

O fim da temporada

Uma menina que sempre sonhou em se casar poderia superar praticamente qualquer obstáculo, exceto a falta de dote.

Annabelle balançou o pé com impaciência debaixo do volume branco de suas saias, ao mesmo tempo que mantinha uma expressão elegante. O fracasso nas três temporadas anteriores a tinha deixado acostumada a tomar chá de cadeira. Acostumada, porém não conformada. Mais de uma vez lhe ocorrera que merecia algo muito melhor do que ficar sentada no canto do salão em uma cadeira desconfortável. Esperando, esperando, esperando por um convite que nunca viria. E tentando fingir que não se importava – que ficava extremamente feliz em ver as outras meninas dançando e sendo cortejadas.

Deixando escapar um longo suspiro, Annabelle brincou com o pequeno cartão de dança prateado que pendia de um cordão em seu pulso. A capa se abriu e revelou um livreto de folhas marfim quase translúcidas que se espalharam, formando um leque. As meninas deveriam escrever os nomes dos parceiros de dança nessas folhas delicadas. Para Annabelle, o leque de tiras não preenchidas se assemelhava a uma fileira de dentes, sorrindo para ela de forma zombeteira. Fechando a capa prateada, ela olhou

para as três jovens que se encontravam sentadas ao lado dela, todas se esforçando para parecerem tranquilas e despreocupadas em relação ao próprio destino.

Ela sabia exatamente por que estavam ali. A considerável fortuna da família da Srta. Evangeline Jenner tinha sido feita a partir de jogos de azar, e as suas origens eram humildes. Além disso, a Srta. Jenner era demasiado tímida e, ainda por cima, gaga, o que fazia a ideia de uma conversa parecer uma sessão de tortura para ambos os participantes.

As outras duas garotas, a Srta. Lillian Bowman e a irmã mais nova, Daisy, ainda não tinham se adaptado à Inglaterra e, pelo visto, a adaptação levaria um bom tempo. O que se dizia era que a mãe delas as trouxera de Nova York porque não tinham sido capazes de obter nenhuma oferta adequada por lá. Eram debochadamente chamadas de herdeiras bolhas de sabão ou, de vez em quando, de princesinhas do dólar. Apesar das maçãs do rosto elegantes e angulosas e dos olhos escuros que acompanhavam um eventual inclinar de cabeça leve e charmoso, elas não encontrariam melhor sorte ali, a não ser que pudessem contar com uma madrinha aristocrata para apresentá-las e ensiná-las a se adaptarem à sociedade britânica.

Ocorreu à Annabelle que nos últimos meses desta miserável temporada, as quatro – ela mesma, a Srta. Jenner e as irmãs Bowmans – muitas vezes haviam se sentado juntas em bailes ou saraus, sempre no canto ou contra a parede. E ainda assim raramente tinham falado uma com a outra, imersas no tédio silencioso da espera. O olhar dela encontrou o de Lillian Bowman, cujos olhos escuros aveludados continham um brilho inesperado de humor.

– Eles poderiam ter feito as cadeiras mais confortáveis, pelo menos – murmurou Lillian –, afinal, é óbvio que vamos ocupá-las a noite inteira.

– Devia ter nossos nomes gravados nelas – respondeu Annabelle, irônica. – Depois de todo o tempo que passei aqui, esta cadeira *pertence* a mim.

Um riso abafado veio de Evangeline Jenner, que levantou um dedo enluvado para empurrar para trás um cacho ruivo vermelho-fogo que lhe caíra sobre a testa. O sorriso fez com que seus olhos azuis bem redondos reluzissem e o rosto, cheio de sardas douradas, ficasse corado. Parecia que uma súbita sensação de familiaridade havia temporariamente feito com que ela se esquecesse da própria timidez.

– Não faz se-sentido você levar chá de cadeira – comentou, dirigindo-se a Annabelle. – É a garota mais bonita daqui, os homens tinham que estar di-disputando para tirá-la para dançar.

Annabelle encolheu os ombros graciosamente.

– Ninguém quer se casar com uma garota sem dote. Só no reino da fantasia dos romances os duques se casam com meninas pobres. Na realidade, duques, viscondes e similares são encarregados da enorme responsabilidade financeira de manter suas grandes propriedades e suas famílias, além de ajudarem os arrendatários. Um nobre rico precisa se casar com alguém endinheirado da mesma forma que o pobre.

– Ninguém quer se casar com uma americana de família rica, mas sem tradição também – confidenciou Lillian Bowman. – Nossa única esperança de encontrar espaço na sociedade é conseguindo nos casar com um nobre que possua um título inglês importante.

– Mas não temos madrinha – acrescentou a irmã mais nova de Lillian, Daisy. Ela era uma versão em miniatura da primeira, com a mesma pele clara, o cabelo escuro e pesado e os olhos castanhos. Um sorriso travesso se insinuou nos lábios dela. – Se você por acaso souber de alguma duquesa gentil que estaria disposta a nos abrigar sob sua asa, ficaríamos muito gratas.

– Eu nem *quero* encontrar um marido – confidenciou Evangeline Jenner. – Estou aqui só por o-o-obrigação, porque não há mais nada para fazer. Estou velha demais para ficar na escola por mais tempo e meu pai... – Ela parou de repente e suspirou. – Bem, eu só tenho mais uma te-temporada, daí então vou estar com vinte e três e serei declaradamente uma so-solteirona. Como eu quero que isso aconteça logo!

– Vinte e três anos é a idade-limite para solteironas nos dias de hoje? – perguntou Annabelle com uma ligeira preocupação. E revirou os olhos para o céu. – Meu Deus, não fazia ideia de que estava tão fora da média.

– Quantos anos você tem? – perguntou Lillian Bowman, curiosa.

Annabelle deu uma olhada para os dois lados, para ter certeza de que não estavam sendo ouvidas.

– Vinte e cinco no mês que vem.

A revelação ganhou três olhares de piedade, e como consolo, Lillian lhe disse:

– Você não parece mesmo ter mais de vinte e um.

Annabelle apertou os dedos em torno do cartão de dança até que ele ficasse escondido na mão enluvada. O tempo estava passando depressa, pensou. Esta era a sua quarta temporada e chegava rapidamente ao fim. E embarcar em uma quinta seria ridículo. Precisava arranjar um marido, e logo. Caso contrário, não poderiam mais pagar para manter Jeremy na escola. E seriam forçados a se mudar da modesta casa avarandada e encontrar uma pensão para morar. E, uma vez começada a decadência, não havia como se reerguer.

Nos seis anos desde que o pai de Annabelle morrera de doença cardíaca, os recursos financeiros da família haviam se reduzido a nada. Eles tentaram camuflar cada vez mais a escassez, fingindo que tinham uma meia dúzia de funcionários em vez de uma cozinheira estressada e um laçao idoso, usando pelo avesso os vestidos desbotados de modo a aproveitar o viço da parte interna do tecido, vendendo as pedras das joias e substituindo-as por falsas. Annabelle estava cansada dos constantes esforços para enganar a todos, quando parecia que era de conhecimento público que viviam à beira de um desastre. Ultimamente, começara a receber ofertas discretas de homens casados, os quais lhe diziam que ela só precisava pedir ajuda que de imediato a teria. Não era preciso descrever as compensações necessárias para essa “ajuda”. Annabelle tinha plena consciência de que possuía as características oportunas para ser uma excelente amante.

– Srta. Peyton, que tipo de homem seria o marido ideal para você? – indagou Lillian Bowman.

– Ah – disse Annabelle com uma leveza irreverente –, qualquer nobre serviria.

– Qualquer nobre? – repetiu Lillian, cética. – E quanto à boa aparência? Annabelle deu de ombros.

– É bem-vinda, mas não essencial.

– E quanto à paixão? – questionou Daisy.

– Muito bem-vinda.

– Inteligência? – sugeriu Evangeline.

Annabelle deu de ombros.

– Negociável.

– Charme? – prosseguiu Lillian.

– Também negociável.

– Você não pede muito no quesito marido – comentou Lillian secamen-

te. – Quanto a mim, eu adicionaria algumas condições. Meu nobre teria que ser um dançarino maravilhoso de cabelos escuros e bonito... E *nunca* deveria pedir permissão antes de me beijar.

– Quero me casar com um homem que tenha lido todas as obras de Shakespeare – disse Daisy. – Alguém calmo e romântico, melhor ainda se usar óculos; precisa apreciar poesia e a natureza, e eu não gostaria que ele fosse muito experiente com mulheres.

Sua irmã mais velha revirou os olhos.

– Não vamos competir pelos mesmos homens, aparentemente.

Annabelle olhou para Evangeline Jenner.

– Que tipo de marido combina com você, Srta. Jenner?

– Evie – murmurou a menina, cujas bochechas coraram tanto que ficaram tais quais os cabelos cor de fogo. Ela teve dificuldade para responder, a extrema timidez batendo de frente com um forte instinto de privacidade. – Eu acho que... eu gostaria de a-a-alguém que fosse gentil e... – Interrompendo-se, ela balançou a cabeça com um sorriso autodepreciativo. – Não sei. Apenas alguém que pudesse me amar. Realmente me amar.

As palavras comoveram Annabelle, que se viu tomada por uma súbita melancolia. O amor era um luxo que nunca havia se permitido sentir esperanças de ter, algo claramente supérfluo uma vez que a sua sobrevivência estava sempre em pauta. No entanto, a moça estendeu a mão e tocou as mãos enluvadas da menina.

– Espero que você o encontre – disse com sinceridade. – Talvez não precise esperar muito.

– Eu quero que você encontre o seu primeiro – rebateu Evie, com um sorriso tímido. – Gostaria de poder ajudá-la de alguma maneira.

– Parece que todas nós precisamos de ajuda, de uma forma ou de outra – comentou Lillian. Seu olhar dirigiu-se para Annabelle amigavelmente. – Humm... Eu não me importaria de fazer um plano que incluísse você.

– O quê? – Annabelle arqueou as sobrancelhas, imaginando se deveria ficar alegre ou ofendida.

Lillian começou a explicar.

– Restam apenas algumas semanas para o fim da temporada, e esta é a sua última, presumo. Em termos práticos, suas aspirações de se casar com um homem da sua classe social desaparecerão no final de junho.

Annabelle assentiu com cautela.

– Então proponho... – De repente, Lillian ficou em silêncio no meio da frase.

Seguindo a direção do olhar dela, Annabelle viu uma figura escura se aproximando e gemeu por dentro.

O intruso era o Sr. Simon Hunt, um homem com quem nenhuma delas queria ter qualquer envolvimento, e por uma boa razão.

– A propósito – comentou Annabelle em voz baixa –, meu marido ideal seria exatamente o oposto do Sr. Hunt.

– Nossa, que surpresa – murmurou Lillian com sarcasmo, já que todas compartilhavam esse mesmo sentimento.

Um homem podia ser perdoado por ser um emergente, desde que possuísse uma boa dose de cavalheirismo. No entanto, Simon Hunt não tinha. Não era possível travar conversas educadas com um homem que sempre dizia exatamente o que pensava, não importava quão pouco lisonjeiras ou censuráveis fossem as suas opiniões.

Talvez alguém pudesse considerar o Sr. Hunt bonito. Annabelle supôs que algumas mulheres poderiam achar sua robusta masculinidade atraente; ela mesma precisava admitir que havia algo irresistível na visão de toda aquela energia mantida sob controle, contida em um traje de festa preto e branco que combinava de modo formal e elegante. No entanto, as qualidades do rapaz eram ofuscadas por sua personalidade rude. Não havia nenhum aspecto sensível em sua natureza, nem idealismo ou apreciação de elegância – era calculista, ganancioso e egoísta. Qualquer outro homem em sua situação teria tido a decência de ficar constrangido pela própria falta de refinamento, mas Hunt aparentemente decidira fazer disso uma virtude. Gostava de zombar das cerimônias aristocráticas, os olhos pretos e frios brilhavam de regozijo, como se ele estivesse rindo de todos.

Para alívio de Annabelle, Hunt nunca demonstrara se lembrar daquele dia no teatro panorâmico, quando lhe roubara um beijo na escuridão. Como já se passara muito tempo, ela tentara se convencer de que tinha imaginado a coisa toda. Em retrospectiva, aquilo tudo não parecia real, principalmente sua resposta fervorosa em relação a um estranho audacioso.

Sem dúvida, muitas pessoas compartilhavam da antipatia de Annabelle por Simon Hunt, porém, para o desagrado de todos, ele estava lá para ficar. Nos últimos anos, havia se tornado extremamente rico, tendo adquirido

títulos majoritários em empresas que fabricavam equipamentos agrícolas, navios e locomotivas. Apesar do seu modo nada polido, Hunt era convidado para festas da alta sociedade, porque era demasiado rico para ser ignorado. Ele personificava a ameaça que as indústrias representavam para a centenária aristocracia britânica presa à propriedade agrícola. Portanto, a nobreza o olhava com uma hostilidade discreta, mas mesmo assim, a contragosto, permitia-lhe o acesso a seus consagrados círculos sociais. Pior ainda, Hunt não era submisso; em vez disso parecia forçar entrada em lugares onde não era benquisto.

Nas poucas ocasiões em que se encontraram desde aquele dia no teatro, ela havia tratado Hunt com frieza, rejeitando qualquer tentativa de conversa e recusando cada convite para uma dança. Ele sempre parecia se divertir com o desdém da moça e olhava para ela com uma ousada apreciação, que fazia os pelos da nuca de Annabelle se arrepiarem. Ela esperava que um dia Hunt perdesse o interesse por ela, mas por enquanto ele se mantinha irritantemente persistente.

Annabelle sentiu o alívio das companheiras de chá de cadeira quando Hunt as ignorou e voltou toda a sua atenção para ela.

– Srta. Peyton – cumprimentou.

O olhar profundo dele parecia não deixar escapar nada: as mangas cuidadosamente remendadas do vestido de Annabelle, o enfeite de botões de rosa posicionando de forma a esconder a ponta desfiada do corpete, e as pérolas falsas que pendiam das orelhas. Annabelle olhou para ele com uma expressão desafiadora. O ar entre os dois parecia carregado de uma sensação de repulsa e atração, de dificuldade em relação aos próprios sentimentos, e Annabelle sentiu um desagradável frio na barriga com a proximidade dele.

– Boa noite, Sr. Hunt.

– A senhorita me concederia uma dança? – perguntou ele, sem cerimônia.

– Não, obrigada.

– Por que não?

– Meus pés estão cansados.

Uma das sobranceiras escuras dele arqueou.

– De fazer o quê? Você ficou sentada aqui a noite toda.

Annabelle sustentou o olhar sem piscar.

– Não tenho obrigação de me explicar, Sr. Hunt.

– Uma valsa não seria tão difícil de suportar.

Apesar dos esforços para manter a calma, ela sentiu os músculos do rosto se retesarem.

– Sr. Hunt – respondeu ela com tensão –, ninguém nunca lhe disse que não é educado insistir com uma senhorita para que faça algo que ela claramente não tem vontade de fazer?

Ele deu um breve sorriso.

– Srta. Peyton, se eu me preocupasse em ser educado nunca obteria aquilo que quero. Apenas imaginei que quisesse por um momento abrir mão de estar sempre tomando um chá de cadeira e decidisse desfrutar uma dança. E se esse baile seguir o padrão habitual, a minha oferta para dançar será provavelmente a única que vai conseguir.

– Quanto charme – comentou Annabelle, irônica. – Isso foi muito lisonjeiro. Como eu poderia recusar?

Um novo alerta surgiu nos olhos de Hunt.

– Então vai dançar comigo?

– *Não* – sussurrou ela bruscamente. – Agora vá embora. Por favor.

Em vez de fugir da vergonha da rejeição, Hunt abriu um sorriso, os dentes brancos reluzindo no rosto bronzeado. Foi um sorriso que o fez parecer maléfico.

– Que mal pode haver numa dança? Sou um bom parceiro, você pode até gostar.

– Sr. Hunt – murmurou ela, em crescente exasperação –, a ideia de formar uma parceria com você de alguma maneira, para qualquer finalidade, me dá calafrios.

Inclinando-se mais para perto, Hunt baixou o tom, para que ninguém mais pudesse ouvir.

– Muito bem. Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa, Srta. Peyton. Pode chegar o dia em que não terá o luxo de recusar uma oferta digna feita por alguém como eu... ou até mesmo uma desonrosa.

Os olhos de Annabelle se arregalaram, e ela sentiu uma onda de indignação invadindo o peito. Realmente era demais ter que se sentar contra a parede durante a noite toda e, em seguida, ser submetida a insultos de um homem que desprezava.

– Sr. Hunt, o senhor parece o vilão de uma peça de segunda categoria.

Isso provocou outro sorriso, e ele se inclinou com uma polidez sarcástica antes de sair dali.

Aturdida pelo encontro, Annabelle observou Hunt se distanciar. As outras meninas deram um suspiro coletivo de alívio com a partida dele.

Lillian Bowman foi a primeira a falar.

– A palavra “não” parece não ter muito efeito sobre ele, não é?

– Qual foi a última coisa que ele disse, Annabelle? – perguntou Daisy, curiosa. – A que fez seu rosto corar.

Annabelle olhou para a capa prateada do cartão de dança, esfregando o polegar sobre uma mancha minúscula no canto.

– O Sr. Hunt insinuou que um dia a minha situação pode se tornar tão desesperadora que eu consideraria a hipótese de me tornar amante dele.

Se não estivesse tão preocupada, Annabelle teria dado risada dos olhares arregalados no rosto das moças. Mas, em vez de expressar quanto aquilo a ofendera, ou esquecer o assunto, Lillian fez uma pergunta pela qual Annabelle não esperava.

– Ele tinha razão em dizer isso?

– Tinha em dizer sobre a minha situação desesperadora – admitiu Annabelle. – Mas não se trata de me tornar amante dele ou de ninguém. Eu me casaria com um produtor de beterrabas antes de me submeter a isso.

Lillian sorriu, parecendo se identificar com a firmeza e a determinação presentes na voz de Annabelle.

– Eu gosto de você – anunciou ela e encostou-se na cadeira, cruzando as pernas com uma negligência que foi bastante inapropriada para uma menina em sua primeira temporada.

– Também gosto de você – respondeu Annabelle automaticamente, movida pelas boas maneiras. Mas, assim que as palavras saíram de sua boca, ficou surpresa ao descobrir que eram verdadeiras.

O olhar de avaliação de Lillian se fixou na moça enquanto ela prosseguia.

– Eu odiaria vê-la andando atrás de uma mula e arando um campo de beterrabas. Você pode almejar coisa melhor do que isso.

– Concordo – disse Annabelle secamente. – O que devemos fazer sobre isso?

Embora a pergunta fosse para ser engraçada, Lillian parecia levá-la a sério.

– Eu estava chegando a esse ponto. Antes de sermos interrompidas, estava prestes a propor o seguinte: precisamos fazer um pacto para ajudar

umas às outras a encontrar um marido. Se os homens não vierem atrás de nós, iremos atrás *deles*. O processo se mostrará muito mais eficaz se juntarmos forças, em vez de avançar individualmente. Vamos começar com a mais velha, que parece ser você, Annabelle, e depois continuamos em ordem decrescente.

– É muito difícil que isso funcione a *meu* favor – protestou Daisy.

– É justo – informou Lillian. – Você tem mais tempo do que nós.

– A que tipo de “ajuda” você se refere? – perguntou Annabelle.

– A todo tipo que for necessário. – Lillian começou a rabiscar concentradamente no cartão de dança. – Vamos apontar as fraquezas de cada uma e as outras darão conselhos e assistência, quando preciso. – Ela olhou para cima com um sorriso alegre. – Nós vamos ser como uma equipe de *rounders*.

Annabelle a fitou com ceticismo.

– Você está se referindo ao jogo em que os cavalheiros se revezam para bater em uma bola de couro com um taco?

– Não somente os cavalheiros – respondeu Lillian. – Em Nova York, as damas também podem jogar, contanto que não se deixem envolver muito.

Daisy sorriu maliciosamente.

– Como na vez em que Lillian ficou tão indignada por causa de um apito errado que arrancou uma estaca da terra.

– Ela já estava solta – protestou Lillian. – Uma estaca solta poderia ter sido um perigo para um dos corredores.

– Ainda mais quando você a arremessasse neles – disse Daisy, enfrentando a carranca da irmã mais velha com um sorriso doce.

Sufocando uma risada, Annabelle olhou para as duas irmãs e para a expressão um tanto perplexa de Evie. Podia facilmente ler os pensamentos dela, de que as irmãs americanas exigiriam muito treinamento antes que pudessem chamar a atenção de nobres em potencial. Voltando-se para as irmãs Bowmans, não podia deixar de sorrir com seus rostos impacientes. Não foi nada difícil imaginar as duas batendo em bolas com tacos de madeira e correndo ao redor do campo de jogo, com as saias levantadas até os joelhos. Ela se perguntou se todas as moças americanas possuíam tal plenitude de espírito. Sem dúvida as Bowmans aterrorizariam qualquer cavalheiro britânico adequado que se atrevesse a se aproximar delas.

– Eu nunca pensei em uma caça a marido como um esporte de equipe – disse ela.

– Bem, agora vai ser – retrucou Lillian enfaticamente. – Pense em como vamos ser mais eficazes assim. A única potencial dificuldade é se duas de nós tiverem interesse no mesmo homem... Mas isso não parece provável, dado os nossos respectivos gostos.

– Então vamos concordar em nunca competir pelo mesmo cavalheiro – observou Annabelle.

– A-além disso – interrompeu Evie inesperadamente –, não magoaremos ninguém.

– Muito hipocrático – disse Lillian em tom de aprovação.

– Acho que ela está certa, Lillian – protestou Daisy, entendendo mal o comentário. – Não intimide a pobre menina, pelo amor de Deus.

Lillian fez uma careta de aborrecimento.

– Eu disse hipocrático, não hipócrita, sua burra.

Annabelle intercedeu no mesmo instante, antes que elas começassem a brigar.

– Então devemos todas concordar com o plano de ação, porque ele não funcionará se estivermos em desacordo.

– E vamos contar tudo uma à outra – emendou Daisy, satisfeita.

– Até mesmo os detalhes i-íntimos? – perguntou Evie com timidez.

– Ah, *principalmente* os detalhes íntimos!

Lillian sorriu ironicamente e lançou um olhar de avaliação sobre o vestido de Annabelle.

– Suas roupas são horríveis – disse ela sem rodeios. – Eu darei a você alguns dos meus vestidos. Tenho um longo que nunca usei e do qual nunca vou sentir falta. Minha mãe não vai perceber.

Annabelle balançou a cabeça de imediato, embora estivesse grata pela oferta; sentia-se um pouco humilhada pelas dificuldades financeiras da família.

– Não, não, eu não poderia aceitar tal presente, apesar de você ser muito generosa...

– O azul-claro, com rolotê cor de lavanda – murmurou Lillian para Daisy –, você se lembra dele?

– Ah, cairia muito bem nela – disse Daisy, animada. – E vai ficar bem melhor nela do que em você.

– Obrigada – retrucou Lillian, piscando e fazendo um olhar cômico.

– Não, falo sério – protestou Annabelle.

– E aquele verde de algodão com o laço branco na frente – prosseguiu Lillian.

– Não posso aceitar os seus vestidos, Lillian – insistiu Annabelle em voz baixa.

A menina olhou para as anotações que tinha feito.

– Por que não?

– Primeiro, porque não vou poder lhe pagar. E não adiantaria de nada. Um belo conjunto de plumas não vai fazer a minha falta de dote ficar mais atraente.

– Ah, dinheiro – disse Lillian, de uma maneira desinteressada que só poderia vir de alguém que tinha bastante. – Você vai me pagar me dando algo infinitamente mais valioso do que dinheiro. Vai ensinar a mim e a Daisy como ser... Bem, mais como você. Vai nos ensinar as coisas certas a se dizer e fazer, todas as regras que parecemos quebrar a cada minuto do dia. Se possível, pode até mesmo nos ajudar a encontrar uma madrinha. Então vamos ser capazes de entrar por todas as portas que estão fechadas para nós. Quanto à sua falta de dote... Você só tem que jogar a isca e esperar que ele morda. Nós vamos ajudá-la a fisgar o pretendente.

Annabelle olhou para ela com espanto.

– Vocês estão mesmo levando isso a sério.

– É claro que estamos – respondeu Daisy. – Será um alívio para nós ter algo para fazer, em vez de ficarmos sentadas perto da parede como idiotas! A temporada está tão tediosa que Lillian e eu estamos à beira da loucura.

– E-eu também estou – acrescentou Evie.

– Bem... – Annabelle olhou de um rosto ansioso para outro, incapaz de conter o riso. – Se vocês três estão dispostas, então eu também estou. Mas se vamos fazer um pacto, não devíamos selá-lo com sangue ou algo assim?

– Céus, não – respondeu Lillian. – Acho que podemos concordar sem que precisemos abrir uma veia. – Ela fez um gesto com o cartão de dança. – Agora, acho que devemos listar os candidatos solteiros mais promissores da temporada passada. E fazer uma triste atualização de como estão agora. Devemos listá-los por ordem alfabética ou por títulos? Começamos pelos duques?

Annabelle balançou a cabeça.

– Nós também não deveríamos considerar os duques, não conheço ne-

nhum com menos de setenta anos e que possua pelo menos um dente sequer na boca.

– Então, inteligência e charme são negociáveis, mas não os dentes? – indagou Lillian com malícia, fazendo Annabelle rir.

– Os dentes são negociáveis – respondeu Annabelle –, no entanto, de *extrema* preferência.

– Tudo bem então – disse Lillian. – Passando pela categoria dos duques pegajosos e idosos, avancemos para os condes. Eu sei de lorde Westcliff, para uma...

– Não, Westcliff não. – Annabelle estremeceu quando acrescentou. – Ele é fechado e distante e não tem qualquer interesse por mim. Praticamente me joguei em cima dele quando vim a primeira vez quatro anos atrás e ele me olhou como se eu fosse algo preso em seu sapato.

– Esqueça Westcliff então. – Lillian ergueu as sobrancelhas interrogativamente. – E lorde St. Vincent? Novo, solteiro e tão bonito que até parece pecado...

– Não iria funcionar – comentou Annabelle. – Não importa quão comprometedor seja a situação, St. Vincent nunca proporia casamento. Ele tem comprometido, seduzido e arruinado pelo menos uma dúzia de mulheres... A honra não significa nada para ele.

– Tem o conde de Eglinton – sugeriu Evie, hesitante. – Mas ele é bastante co-co-corpulento, e tem pelo menos cinquenta anos.

– Coloque-o na lista – insistiu Annabelle. – Não posso me dar ao luxo de ser tão criteriosa.

– Tem o visconde Rosebury – comentou Lillian com um pouco de tristeza. – Embora seja um tipo estranho e... bem, *acabado*.

– Enquanto estiver firme no bolso, pode estar acabado de qualquer outra forma – observou Annabelle, provocando risadas nas outras meninas. – Inclua-o também.

Ignorando a música e os casais que rodopiavam à frente delas, as quatro trabalhavam cuidadosamente na lista de maridos potenciais. Uma vez ou outra, riam tanto que atraíam olhares curiosos de quem passava por perto.

– Sosseguem – disse Annabelle, fazendo um esforço para soar rígida. – Não queremos que ninguém suspeite do que estamos planejando... E quem toma chá de cadeira não deveria estar rindo.

Todas tentaram assumir expressões sérias, o que causou espasmos de risos.

– Ah, veja – disse Lillian com um suspiro, observando as listas de perspectivas matrimoniais. – Pela primeira vez os nossos cartões de dança estão preenchidos. – Considerando o rol dos solteiros, ela contraiu os lábios, pensativa. – E me parece que alguns destes cavalheiros provavelmente estarão na festa do final da temporada de Westcliff em Hampshire. Daisy e eu já fomos convidadas. E você, Annabelle?

– Tenho intimidade com uma das irmãs dele – comentou Annabelle. – Acho que posso fazer com que ela me convide. *Implorarei* se for necessário.

– E eu vou comentar sobre você – acrescentou Lillian, confiante, depois sorriu para Evie. – E também vou pedir que a convide.

– Como isso vai ser divertido! – exclamou Daisy. – O plano está definido então. Daqui a duas semanas invadiremos Hampshire e encontraremos um marido para Annabelle.

Todas estenderam as mãos e as uniram, sentindo-se ao mesmo tempo tolas, eufóricas e mais do que encorajadas. *Talvez minha sorte esteja prestes a mudar*, pensou Annabelle, e fechou os olhos numa breve oração de esperança.

CAPÍTULO 2

Simon Hunt aprendeu desde cedo que o destino não o tinha abençoado com sangue nobre, riqueza ou presentes raros, e que precisaria arrancar a sua fortuna de um mundo muitas vezes injusto. Era dez vezes mais agressivo e ambicioso do que um homem comum. As pessoas costumavam achar muito mais fácil deixá-lo seguir seu caminho a ter que enfrentá-lo. Apesar de dominador, talvez até mesmo cruel, Simon nunca perdia o sono por causa de consciência pesada. Era uma lei da natureza, só os mais fortes sobrevivem, e os mais fracos deveriam ficar fora do seu caminho.

O pai foi açougueiro e proporcionou conforto para uma família de seis, transformando Simon em seu assistente quando completou idade suficiente para empunhar a pesada lâmina de corte. Anos de trabalho naquele estabelecimento tinham dado a Simon braços enormes e ombros musculosos de açougueiro. Sempre imaginaram que ele acabaria por gerir os negócios

da família, mas, aos 21 anos, o garoto decepcionou o pai, deixando a loja e partindo em busca de uma vida diferente. Ao investir em uma pequena poupança, havia logo descoberto seu verdadeiro talento: fazer dinheiro.

Simon amou a dinâmica da economia, os elementos do risco, a interação entre comércio, indústria e política – e percebeu de imediato que, em pouco tempo, o crescimento da rede ferroviária britânica seria o principal meio para os bancos conduzirem seus negócios de forma eficiente. A remessa de dinheiro e títulos, a criação de rápidas oportunidades de investimento, dependeria diretamente do serviço ferroviário. Seguindo seus instintos, investiu cada centavo que tinha em especulação ferroviária e foi recompensado com uma explosão de lucros que ele logo apostou em variados interesses. Agora, aos 33 anos, controlava três empresas de manufatura, uma fundição de nove hectares e um estaleiro. Era um convidado – embora indesejado – nos salões aristocráticos e se sentava lado a lado com nobres nos conselhos de seis empresas.

Após anos de trabalho incansável, tinha conseguido obter quase tudo o que sempre quis. No entanto, se alguém perguntasse se era um homem feliz, Simon teria bufado com a pergunta. Felicidade, o resultado indescritível do sucesso, era um claro sinal de complacência. Devido à própria natureza, Simon nunca iria ser complacente ou ficar satisfeito; nem queria.

No entanto... No canto mais profundo, mais privado de seu coração abandonado, havia um desejo que Simon não conseguia extinguir.

Ele lançou um olhar por todo o salão e sentiu como sempre a peculiar pontada aguda que a visão de Annabelle Peyton produzia. Com todas as mulheres que estavam disponíveis para ele, e não eram poucas, ninguém nunca havia lhe chamado tanto a atenção. O encanto de Annabelle ia além de mera beleza física, embora Deus soubesse que ela havia sido abençoada com algo além disso. Se houvesse um pingote de poesia na alma de Simon, ele poderia ter pensado em dezenas de versos arrebatadores para descrever os encantos dela. Mas ele era plebeu até os ossos e não conseguia encontrar palavras que descrevessem com precisão a atração que sentia. Tudo o que sabia era que a visão de Annabelle à luz brilhante dos candelabros quase enfraquecia seus joelhos.

Simon nunca havia esquecido a primeira vez que a vira do lado de fora do teatro panorâmico, remexendo na bolsa com a testa franzida. O sol brilhava nas mechas douradas e champanhe de seu cabelo castanho-claro

e fazia sua pele brilhar. Havia uma coisa deliciosa, tão palpável, nela, a pele aveludada, os olhos azuis brilhantes, e a ligeira careta que ele desejara suavizar.

Tinha quase certeza de que Annabelle já estaria casada agora. A evidência de que os Peytons estavam passando por dificuldades financeiras não significou nada para Simon, que achava que qualquer nobre com seu cérebro no lugar veria o valor de Annabelle e a pediria em casamento. Mas como dois anos tinham se passado, e ela permanecia solteira, uma centelha de esperança despertou dentro dele. Achou heroica a determinação de Annabelle em encontrar um marido, a coragem com a qual usava todas as vezes os vestidos surrados – o valor que conferia a si mesma, apesar da falta de dote. A maneira sagaz como se colocava no processo de caça a um marido, jogando suas últimas cartadas em uma partida praticamente perdida. Annabelle era inteligente, cuidadosa, intransigente, e ainda bonita, embora nos últimos tempos a ameaça da pobreza houvesse imprimido certa dureza a seus olhos e sua boca. Egoísta, Simon não ficava triste por vê-la em dificuldades financeiras: isso proporcionou a oportunidade que ele nunca teria de outra forma.

O problema era que Simon ainda não havia descoberto como fazer com que Annabelle gostasse dele, já que ela sentia repulsa a tudo o que ele era. Simon estava ciente de que poucas coisas nele eram atraentes. Além disso, não tinha ambição de se tornar um cavalheiro assim como um tigre não aspirava se tornar um gato. Era apenas um homem com dinheiro de sobra, acompanhado da frustração de perceber que não poderia comprar aquilo que mais queria.

Até agora, sua estratégia tinha sido esperar pacientemente, sabendo que o desespero acabaria por conduzir Annabelle a fazer coisas que nunca havia pensado antes. A miséria colocava tudo sob uma nova perspectiva. Logo o jogo de Annabelle iria acabar. Ela seria confrontada com a escolha de se casar com um homem pobre, ou tornar-se amante de um rico. E, neste caso, ela acabaria na cama dele.

– Um piteuzinho, não acha? – Foi o comentário que ouviu e o fez se virar para Henry Burdick, cujo pai, um visconde, supostamente estava em seu leito de morte. Preso na espera interminável pelo falecimento do pai para finalmente ganhar o título e a fortuna da família, Burdick passava a maior parte do tempo nas mesas de jogo e atrás de rabos de saia. Ele seguiu o

olhar de Simon até Annabelle, que estava entretida numa conversa animada com as solteironas ao seu redor.

– Eu não saberia dizer – respondeu Simon, sentindo uma onda de antipatia por Burdick e toda a sua turma, a quem tinha sido dado todo o tipo de privilégio em uma bandeja de prata desde o dia em que nasceram. E, geralmente, não faziam nada para justificar a generosidade imprudente do destino.

Burdick sorriu, com o rosto corado de muita bebida e boa comida.

– Pretendo descobrir em breve – comentou.

Burdick não era a minoria. Um grupo considerável de homens tinha suas atenções direcionadas para Annabelle, como uma matilha de lobos apreciando a presa ferida. No momento em que ela estivesse mais fraca, e não oferecesse a menor resistência, um deles se moveria para a caça. No entanto, tal como na natureza, o macho dominante é o que sempre vence.

O esboço de um sorriso apareceu na boca contraída de Simon.

– Você me surpreende – murmurou ele. – Achava que a situação financeira da senhorita fosse inspirar galanteios de cavalheiros de sua espécie, em vez disso, vejo que se entretém com ideias mal-intencionadas que se poderiam esperar de gente do *meu* tipo.

Burdick emitiu uma risada baixa e não viu o brilho feroz nos olhos negros de Simon.

– Senhorita ou não, ela vai ter que escolher um de nós quando seus recursos finalmente acabarem.

– Será que nenhum de vocês a pedirá em casamento? – perguntou Simon como quem não quer nada.

– Meu Deus, mas por quê? – Burdick lambeu os lábios enquanto pensamentos cruzavam sua mente. – Não há necessidade de se casar com a moça quando em breve vai estar disponível pelo preço certo.

– Talvez ela tenha muita honra para isso.

– Duvido muito – respondeu alegremente o jovem aristocrata. – Mulheres bonitas assim, e pobres, não podem ser honradas. Além disso, há um boato de que ela já passou pela cama do lorde Hodgeham.

– Hodgeham? – Muito surpreso, Simon manteve o rosto inexpressivo. – O que iniciou esse boato?

– Ah, a carruagem de Hodgeham foi vista nas cavalariações dos Peytons altas horas da noite... E, de acordo com alguns dos seus credores, ele cuida de suas contas de vez em quando. – Burdick fez uma pausa e gargalhou. –

Uma noite entre aquelas coxas deve valer muito a pena para pagar a conta da mercearia, não acha?

A resposta instantânea de Simon foi um impulso assassino de separar a cabeça de Burdick do resto do corpo. Não sabia ao certo quanto de sua raiva tinha sido alimentado pela imagem de Annabelle Peyton na cama com o porco do lorde Hodgeham, e quanto tinha sido provocado pelo gozo sarcástico de Burdick e pelas fofocas que provavelmente eram falsas.

– Acho que, se você for manchar a reputação de uma senhorita – ameaçou Simon em um tom perigosamente agradável –, é melhor ter alguma prova convincente do que diz.

– Ora, faça-me o favor, fofocas não exigem *prova* – respondeu o jovem com uma piscadela. – E o tempo em breve revelará o verdadeiro caráter da moça. Hodgeham não tem os meios para manter uma beleza nobre como essa, ela vai querer mais do que ele pode oferecer. Prevejo que no final da temporada ela vai migrar para o companheiro com os bolsos mais cheios.

– O que significa: para os meus – disse Simon suavemente.

Burdick piscou surpreso. O sorriso desapareceu enquanto se perguntava se tinha escutado bem.

– O quê...

– Eu vi como você e o par de idiotas com quem anda vêm colando nos calcanhares dela durante estes últimos dois anos – disse Simon, estreitando os olhos. – Agora você perdeu sua chance com ela.

– Perdi minha... O que quer dizer com isso? – perguntou Burdick, indignado.

– Quero dizer que vou infligir o tipo mais agudo de dor, mental, física e financeira no primeiro homem que ousar invadir meu território. E a próxima pessoa que repetir qualquer boato infundado sobre a Srta. Peyton na minha frente vai engoli-lo junto com o meu punho. – O sorriso de Simon era feroz quando voltou-se para o rosto chocado de Burdick. – Diga isso a qualquer um que possa estar interessado – aconselhou, afastando-se do nanico tagarela.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br